

*Sudeste e Sul*

# Conjuntura exige produção sustentável a custos baixos

Wilson Paes de Almeida\*

A cotonicultura nacional vivenciou, nos últimos anos, seu grande teste de viabilidade econômica: de um lado, enfrenta altos custos de produção e, de outro, preços baixos para o algodão no mercado. Nesse contexto de risco, o ponto de equilíbrio vinha sendo o aumento da produtividade, tendo o setor superado médias comuns ao setor. Com seus preços aviltados pela queda do dólar – mas não os dos insumos, em especial do diesel e da mão-de-obra –, a cotonicultura recebeu nos últimos anos, ainda, um ultimato do clima, tendo que enfrentar longas estiagens, o que levou boa parte dos produtores à inadimplência.

Em conseqüência, registramos severas reduções de produtividade nas áreas plantadas nas Regiões Sul e Sudeste, sobretudo nos Estados de São Paulo e Paraná. Essa tendência foi agora agravada pelo enorme poder competitivo da

DIEGO C. DA SILVA



*Sustentabilidade da cotonicultura depende do aumento da produtividade*

cana-de-açúcar, cuja expansão é inevitável e deve persistir. Para os tenazes cotonicultores remanescentes, a palavra de ordem é reduzir os custos e os riscos, por meio da análise criteriosa do custo-benefício das tecnologias disponíveis. A própria escolha das cultivares mostra-se mais conservadora, privilegiando as que apresentam maior segurança e menor demanda de insumos.

Respeitadas as particularidades regionais, a cotonicultura das Regiões Sul e Sudeste pode ser enquadrada em dois grandes grupos: a praticada com colheita mecânica e a feita manualmente. O primeiro sistema, integrado sobretudo por produtores de maior porte, destaca-se pelo uso intensivo de capital e insumos. O segundo é composto por pequenos produtores, adeptos de custos reduzidos e práticas comedidas. Em qualquer desses sistemas, as cultivares utilizadas devem atender a exigências mínimas quanto a aspectos como produtividade, percentagem e qualidade da fibra, assim como reação frente a fatores bióticos e abióticos, entre outros.

### SISTEMA MECÂNICO

Apesar desses dados comuns, há especificidades entre os sistemas de colheita mecânica e manual: no primeiro grupo, valoriza-se muito a percentagem de fibra (exportadores priorizam igualmente a qualidade de fibra), exigindo que apresente retenção de fibras de média a alta, de modo a restringir perdas antes e durante a colheita. Também têm importância a arquitetura compacta do algodoeiro e sua resistência ao acamamento, que otimizam a plena mecanização, ajustando-o melhor à alta tecnologia, em lavouras mais ventiladas e com menores índices de podridões de maçãs (Almeida, 2001). Com a crise, passou a haver grande preocupação com o custo-benefício das tecnologias e até com os preços de sementes. A preferência que antes se verificava por genótipos ditos “responsivos”, porém mais vulneráveis

a nematóides e doenças, tem dado lugar a cultivares de melhor estabilidade genética, objetivando diminuir custos e aumentar a segurança da atividade.

Se levada a efeito, essa mudança ditará um novo ritmo na evolução dos problemas com nematóides e contribuindo para baixar ainda mais o potencial de inóculo de algumas doenças. Cultivares mais rústicas e nutricionalmente menos exigentes provavelmente entrarão em cena, caso a crise se prolongue. Os transgênicos Bt e RR, vistos por muitos como tábuas de salvação para a atividade, terão uso proporcional a seu custo-benefício. O bicudo, presente em praticamente todas as regiões algodoeiras do Sul-Sudeste, representa sério obstáculo à ampla adoção legal dos transgênicos Bt, por mais eficientes que sejam no controle do complexo de lagartas, exceto no caso de preço compatível com seus resultados. O mesmo raciocínio vale para cultivares Roundup Ready.


### SISTEMA MANUAL E ORGÂNICO

O sistema de colheita manual, por sua vez, luta desesperadamente para sobreviver. Cultivares com alto peso de capulho e facilidade de colheita são vitais para a sua continuidade. A mão-de-obra ruim, cara e a legislação vigente têm empurrado parte dos cotonicultores para a colheita mecânica. Há iniciativas voltadas ao desenvolvimento que estimulam a importação de colhedoras mais simples e de menor custo. Porém, a viabilidade das produções com colheita manual depende principalmente do potencial das lavouras, assim como da rusticidade e da resistência múltipla das plantas a doenças e nematóides. Não há, nesse segmento, grandes expectativas de uso dos atuais transgênicos.

Surge no Paraná um terceiro sistema produtivo: o algodão orgânico, que congrega sobretudo mini e pequenos produtores. Por suas características, exige cultivares de grande rusticidade, sanidade e plena adaptação à colheita

manual. Os atributos mais característicos são: baixa exigência nutricional, resistência a nematóides e ao complexo de doenças, além de alto peso de capulho e média/baixa retenção de fibra. Nesse sistema, mais do que em outros, exigem-se cultivares resistentes a ácaros, face à proximidade de hospedeiros da praga e à menor eficiência de instrumentos de controle.

A precocidade é vital para o aumento da produção via escape de altas populações de insetos, no final do ciclo. Há potencial para a produção de algodão colorido, mas as cultivares disponíveis ainda são muito vulneráveis. O Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) iniciou pesquisas com cultivares sobre alternativas de controle de pragas nesse segmento, mas ainda não divulgou resultados a respeito.

A crise que a cotonicultura atravessa tem obrigado os produtores a procurar caminhos alternativos. Não basta ter alta produtividade e produto de qualidade: é também necessário e urgente ser capaz de produzir a custos baixos, de modo sustentável. A qualidade genética das cultivares é uma ferramenta indispensável para se chegar a esse objetivo. Atributos específicos, como arquitetura moderna, responsividade, alta percentagem de fibra, qualidade de fibra etc. são necessários, mas ainda insuficientes. Características racionalizadoras do uso de insumos – como a estabilidade fenotípica e a resistência múltipla a nematóides e doenças – tornaram-se indispensáveis e devem ser cobradas dos melhoristas, que podem alcançá-las e, se dotados de meios, o farão. 

---

\* **Wilson Paes de Almeida** é pesquisador do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) ([wpalgo@iapar.br](mailto:wpalgo@iapar.br)).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, W. P. Características de uma cultivar de algodão para cultivo no Brasil: os atributos indispensáveis e os que são opcionais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DO ALGODÃO, 3., 2001, Campo Grande. *Resumos das palestras...* Campina Grande: Embrapa Algodão, 2001, p. 130-134.